

meio bom

Kierkegaard (revolta contra Hegel, contra a  
supremacia da razão.

rejeita uma grande parte da filosofia, não foi estan-  
teada, mas por carcer significado. "grande" (conversa  
frada)

da angustia nasce a fé!

Medo e tremor

Paradoxo da vida religiosa.

Estou em falta com Deus.

Sacrifício do Eu (velho) como Abraão sacrificou Isaac.

"Antihedonismo" - o bom é mau.

Teologia e filosofia se fundem (ideia de Heidegger)

Caso clássico de heresia é vender sua alma?

Com K. começa a nossa volta autêntica para a fé' (pela via do diabo)

Titos existencial

### Da angustia.

A revolta contra Hegel, isto é contra a supremacia da razão, foi empreendida a partir de dois ângulos diferentes, e na sexta feira passada iluminamos sómente um desses ângulos, o schopenhaueriano. Tratava-se para esse flanco, que podemos chamar de flanco direito, de derrubar a posição hegeliana por ser uma posição que ignorava as profundezas da alma humana e, em consequencia, superestimava a capacidade da razão quanto ao seu alcance, como quanto ao seu significado. Tratava-se, para esse flanco, de derrubar a razão do trono da especulação filosófica e substituí-la por algo mais profundo e mais fundamental, algo mais telúrico, se preferem. Simultaneamente essa razão hegeliana sofria um ataque pelo flanco esquerdo, mas esse ataque vinha de regiões tão alheias e distantes da razão, que esta nem percebia que estava sendo atacada. Os efeitos desse ataque, efeitos permanentes conforme creio, continuaram latentes durante todo o século 19 e irromperam à superfície sómente depois da primeira guerra mundial, ou, em fenomenos isolados como Proust ou Kafka, uns poucas anos antes. Kierkegaard, o autor desse ataque, como que plantou uma semente no chão árido e raso do século 19, e sómente quando esse chão foi irrigado pelo sangue dos milhões de mortos da primeira guerra essa semente germinou para produzir, na Alemanha, país vencido, Heidegger, Hartmann e Jaspers, e, depois da irrigação pelo sangue da segunda guerra, produziu, esta vez na França vencida, Sartre, Camus e Marcel. Trata-se portanto de uma planta cujo habitat é o campo da morte. Não é minha intenção de descrever hoje a morfologia dessa planta tal qual ela está sendo cultivada em nossos dias nos vasos ornamentais e sanitarios das nossas boites, dos nossos theatros, e das nossas universidades mais "avançadas"; o que pretendo é dar uma ligeira ideia das suas raízes ocultas. Quero falar de Kierkegaard, daquele espirito isolado e abandonado em seu meio hostil, e cujo nome, traduzido para o portuguez, quer, dizer, conforme suponho: zelador da igreja.

A objeção levantada por Kierkegaard contra o racionalismo hegeliano é a um tempo simples e revolucionaria: trata-se, diz Kierkegaard, de uma filosofia de má fé e inautentica. Toda essa especulação sobre uma pretensa objetividade, uma pretensa teoria de conhecimento, uma pretensa teoria da historia, uma pretensa fenomenologia de um espirito pretensamente objetivo, essa pretensa submissão do individuo a uma realidade objetiva, seja epistemologicamente, seja eticamente, seja esteticamente, tudo isto não passa de uma cortina de fumaça, de uma conversa fiada (Gerade), como diriam os seguidores modernos de Kierkegaard, destinada a ocultar a situação existencial inescapavel na qual me encontro: a sabersósnho, não, desprotegido diante do impacto colossal, insuportável, ininterrupto daquilo que é totalmente diferente de mim, diante de Deus. Diante dessa situação existencial, que é de angustia da qual nasce a fé, e a qual me provoca a uma tomada de posição extremada a qualquer instante, diante a dramaticidade dessa situação empalidece toda a magnifica conversa fiada dos senhores filosofos academicos com sua dialectica refinada, seus truques intelectuais, seus subterfugios destinados a erigir uma pseudo-ética bem comportada. Empalidece e é desmascarada, mostra sua face verdadeira: a de uma insignificancia pomposa, fala muito e não diz nada. Toda a filosofia hegeliana, e com ela grande parte da filosofia tradicional, deve ser rejeitada, não por estar errada, mas por carecer significado existencial, por ser mera vaidade, ou orgulho, para falarmos teologicamente. Como Voces estão vendo, trata-se aqui de um ataque veemente que brota de profundezas éticas, de cuja mera existencia os esclarecidos e iluminados pensadores do século 18 nem suspeitam em sonho. Trata-se de um protesto vindo da profundidade de uma alma atormentada que não suporta mais as veleidades e as gentilezas de espiritos saciados que se estão dando ares de importantes, e a qual quer varrer esses parvenus da superficie da filosofia. Trata-se de uma revolução dos proletarios da alma, dos pobres de espirito, contra as classes privilegiadas do intelecto, uma revolução muito mais significativa, conforme creio, de que a famosa revolução dos proletarios no campo de economia. Sómente aqueles que sofrem autenticamente, sómente aqueles que se resolvem a fazer face honestamente à situação existencial do homem, têm o direito à filosofar, porque sómente a eles é dado enxergar o totalmente diferente, a saber Deus. Goethe, esse espirito profetico, previu, acho, essa revolução no seguinte poema famoso: "Wer nie sein Brot in Traenen ass, wer nie durch kummervolle Naechte an seinem Bette weinend sass, der kennt Euch nicht, Ihr himmlischen Maechte." (Quem nunca comeu seu pao em lágrimas, quem nunca sentou, em noites amarguradas, chorando junto da cama, aquele não Vos conhece, potencias celestes.)

O mundo ao meu redor, dentro do qual eu me encontro, está fragmentado contra si mesmo e contra mim e carece de significado. Tudo que eu faço dentro do mundo é condenado de antemão ao fracasso. Assim é a facticidade do mundo, e nada, nenhuma especulação filosofica, nenhuma pesquisa scientifica, nenhuma criação artistica nenhum esforço politico, podem modificar um milésimo dessa facticidade. Este estado de coisas, esta Sachlage, deve ser humildemente aceito como um fato das

coisas, como Tatsache, pois assim as coisas são feitas. A minha única reação possível a essa Tatsache, a única reação autêntica e honesta, é a angústia e o desespero. É medo e tremor, para usar a expressão kierkegaardiana. Trata-se portanto de uma reação prática, alheia a qualquer esforço teoretizante, estigma da inautenticidade. Abro mão, portanto, de toda procura de uma posição objetiva, de um ponto de vista despreendido, não me afasto um instante sequer da minha subjetividade, não procuro fugir à situação, à qual estou condenado, pelo contrário: resolvo-me a aceitá-la. Essa minha resolução me conduz ao que Kierkegaard chama de "paradoxo da vida religiosa". A minha angústia é portanto a porta para aquele território da honestidade e autenticidade que serve de substituição patética da salvação da alma no mundo kierkegaardiano.

A angústia cria em mim a fé, isto é, para Kierkegaard, a convicção de que eu estou em falta com Deus, com aquilo que é diferente de mim todo coelo. Esta minha convicção de estar sempre errado vis-à-vis Deus, esta fé portanto, é o único método do qual disponho para entrar em contacto com a realidade, e não a pretensão razoável hegeliana. Portanto, em Kierkegaard, epistemologia, ética e estética, a saber vivência, se fundem num todo inseparável. Todo conhecimento que tenho, e todo julgamento de valor que faço estão contidos na vivência que experimento no contacto com aquilo que me é totalmente diferente. O resultado desse conhecimento autêntico e desse julgamento autêntico só pode ser prático, e só pode ser um: o sacrifício do meu Eu (Selbst) a Deus, como Abraão sacrificou Isaac no monte. Este sacrifício contínuo, e finalmente o sacrifício supremo, são o paradoxo da vida religiosa. Se me permitem fazer um "pun" numa situação tão desesperadora, diria que a filosofia kierkegaardiana pode ser resumida em uma palavra: "anti-hedonismo". Aquilo que amo, aquilo que me proporciona prazer, devo sacrificar, ou, em resumo, o bom é mau. Creio que diante desse radicalismo na inversão de valores até Nietzsche impalidece. Suponho que Nietzsche nunca ouviu falar em Kierkegaard e estremeço ao pensar como ele teria reagido, se o tivesse conhecido.

Ao contrário de Schopenhauer, cuja autenticidade chegou somente ao ponto de dar o nome de "Atman" ao seu caniche, Kierkegaard viveu de acordo com a sua filosofia. Filho de um pastor dinamarquês que tinha amaldiçoado a Deus, viveu apertado, angustiado (de Enge, angina = aperto) como pequeno burguês do romantismo, dessa época pequeno-burguesa, na Dinamarca, nesse país de pequenos burgueses. Houve uma única luz em sua vida mesquinha e frustrada, quando, já homem maduro, se se enamorou de uma menina de 17 anos, Regina Olsen. Este amor ele sacrificou, ou pelo menos honestamente acreditou ter sacrificado, aquilo que lhe era totalmente diferente. Temos portanto diante de nós um Abraão dinamarquês em fraque. Mas dessa angústia, dessa frustração, desse desespero um tanto ridículo por ser tão apertado, tão mesquinho, se visto a partir da nossa época e deste Brasil tão inhumanamente gigantesco, surgiu um vôo de pensamentos e um estilo de linguagem ardente e glorioso qual um fênix das cinzas. Acho que neste caso se impõe a frase surrada: per aspera ad astra. Em seu pensamento tanto quanto em sua linguagem (ainda perceptível nas traduções para o alemão) se misturam elementos bíblicos, românticos e acadêmicos, para formar um todo estético único na literatura. A única comparação que me ocorre são as ilustrações de Blake, um artista igualmente despercebido pelos contemporâneos, igualmente torturado, e igualmente visinho de uma loucura que talvez seja a autêntica sanidade. Tal qual Schopenhauer, também Kierkegaard pode ser interpretado como um fruto típico do romantismo. Todos os elementos estão representados: a revolta contra o classicismo, a heterodoxia formal e essencial, o antirracionalismo, o pessimismo, o Weltschmerz, um certo sentimentalismo introvertido, e tudo isto revestido em trajes biedermeier, para não dizer early victorian. Mas essas considerações iluminam somente uma das duas relações entre Zeitgeist e filosofia. A outra, a mais significativa, faz com que Kierkegaard seja, de maneira quase milagrosa, um pensador da atualidade. A situação angustiosa individual de Kierkegaard corresponde a situação da sociedade ocidental da atualidade. Isto faz com que a terrível e penetrante visão da situação humana que Kierkegaard nos oferece, nos seja agora compreensível.

A reviravolta da especulação filosófica, a transferência do interesse a partir do mundo para o homem, para uma caricatura do homem, essa transferência da qual falamos na última sexta-feira, torna-se ainda mais evidente (se isto for possível), em ~~Seu~~ Kierkegaard de que em Schopenhauer. Schopenhauer identifica a realidade com uma caricatura da alma humana, a vontade. Kierkegaard identifica a realidade com uma caricatura da pessoa humana, a existência. Ambos se assustam diante dessa paganismo antropomorfo e são, portanto, pessimistas. Schopenhauer recomenda, em consequência o aniquilamento da vontade, e Kierkegaard o sacrifício da existência. Um quer mergulhar em Nirvana, o outro no totalmente diferente. Os dois dão portanto nomes elegantes e enganadores aquilo que deve-

Da angustia.

riam por direito saber ser o nada. Mas é provável que ambos realmente ignoram esse fato. É provável que ambos se crêm realmente religiosos. Em Schopenhauer a tendência religiosa é mascarada pelo exotismo das fontes de sua pseudo-religiosidade: o Hinduísmo e o Budhismo. Em Kierkegaard é patente: ele é um protestante contra o protestantismo. Como ele, pela primeira vez desde a Idade Média, se fundem teologia e filosofia de tal forma que as perguntas filosóficas básicas sejam, em realidade, perguntas teológicas viradas ao avesso. É claro que o Deus kierkegaardiano nada tem em comum com o Deus dos Judeus e Cristãos, a despeito dos protestos ao contrario que Kierkegaard levantaria. O Deus das nossas religioes criou o homem à Sua semelhança, o Deus de Kierkegaard é totalmente diferente do homem. O Deus das nossas religioes tem o homem na palma da Sua mão para mante-lo, o Deus de Kierkegaard o tem na palma da Sua mão para esmagá-lo. A fé no Deus das nossas religioes resulta em amor e esperança. A fé no Deus kierkegaardiano resulta em medo e tremor (porque não dizer ranger de dentes?). Kierkegaard diria que o Deus e a fé das nossas religioes são inautenticos e insignificantes, que se trata, no caso das nossas religioes, de um Deus mau e de uma má fé. Tudo isto é, para Kierkegaard, metafísica e ilusão, em curiosa concordância com o ópio para o povo dos marxistas. Mas, do ponto de vista das nossas religioes o Deus kierkegaardiano é bem conhecido, é o diabo, e Kierkegaard é, do ponto de vista das religioes tradicionais, um caso classico de heresia, ele vendeu a sua alma. Kierkegaard é conciente dessa sua relação para com a religião oficial, ele a manifesta em sua polemica contra o bispo luterano da Dinamarca. Ele qualifica a nossa época de "Don Juanesca", de época portanto do enganador que vendeu a sua alma, e identifica as religioes oficiais com o diabo. Para quem conhece o "Mito de Sísifo" de Camus, essa referencia a Don Juan será sumamente significativa. Não obstante essas considerações, Kierkegaard representa um renascimento autentico da fé e da teologia. Nisso ele não é romantico, mas pertence à atualidade. Os românticos se voltaram para as igrejas, porque se sentiram atraídos pela sombra solene das suas naves, pela pompa misteriosa de seus serviços religiosos, a sua alma sensível comovia-se diante da simplicidade do povo ajoelhado. Tudo isto, para Kierkegaard, era hipocrisia desprezível. Ele se sentia, pelo contrario, tocado intimamente pelo hálito incandescente e arrasador do qual fala o psalmista. Desafio o perigo de repetir-me para dizer que com Kierkegaard começa a nossa volta autentica para a fé pela porta de fundos, isto é via diabo.

Desde que Kierkegaard foi redescoberto, a sua visao da situação existencial foi alargado e, possivelmente, aprofundada. Foi criada, em redor dessa situação, toda uma nova terminologia alemã, franceza e grega que serve de instrumento para investigar todo um complexo de problemas novos. Esses problemas são, aparentemente, relacionados com os fatos mais corriqueiros da existencia diaria, até agora desprezados pela filosofia tradicional justamente por serem corriqueiros. Eles tem a ver com o meu estar no mundo, com a minha disposição (Stimmung) para com as coisas que encontro nesse mundo, com a transformação dessas coisas em instrumentos (Zeug), com a minha conversação com os outros (Mitsein), enfim, trata-se de uma análise minuciosa da vida diaria, caseira por assim dizer, de uma análise minuciosa de realidade que as coisas corriqueiras tem para mim, de uma ontologia, para falar mais elegantemente. Aparentemente, repito, trata-se de uma análise minuciosa de problemas que nada tem a ver com teologia. Entretanto, essa aprencia engana. O problema da angustia continua o tema central, o problema numero um, e atinge proporções quase bíblicas inconcientemente em Heidegger, quando ele fala do "Fuerchten vor dem Fuerchterlichen" (o temor do temível). O problema do totalmente diferente assumiu a forma do problema do nada, mas continua sendo, no fundo, o problema de Deus. O problema do sacrificio assumiu a forma do problema da morte, mas nada perdeu de seu sabor de santidade. E o "paradoxo de uma vida religiosa", da qual nos fala Kierkegaard, torna-se "a absurdidade da situação humana", sem ser, por isto, menos religioso. No fundo, toda a filosofia existencial é uma forma de teologia, marcada pelo "engagement" tao típico do espirito teologico e tao contrario ao espirito da filosofia. Mas a influencia de Kierkegaard se faz sentir igualmente no campo da teologia sensu stricto et orthodoxo. O renascimento de uma teologia autenticamente moderna, por enquanto dentro do protestantismo e judaismo, mas com sinais de penetrar tambem o catolicismo e formar, desta maneira, uma especie de opposição intramural contra o tomismo, se deve, em boa parte, ao sobre revigoração do pensamento kierkegaardiano. Duvido, entretanto, que desta parte possa surgir uma nova religiosidade, a qual preveja muito mais no campo do laicismo.

Da angustia.

No entanto, a influencia de Kierkegaard sobre nós nao é somente direta, a través do existencialismo filosofico e teologico, mas também através a reação por ele provocada. Conforme já verificamos no caso de Schopenhauer, é fácil passar de um pessimismo, fruto da má consciência, a um otimismo nao inibido. No caso de Schopenhauer, passar de uma negação para a glorificação da vontade. No caso de Kierkegaard, passar de um sacrificio para a glorificação da vivencia bruta. Aqui, neste aspecto animalesco e barbaro, os dois irracionalismos se encontram para, juntos, formarem a frente comum contra ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ os remanescentes da civilização ocidental que batem em retirada. A deificação do homem qua existencia, aparentemente uma elevação do status humano dentro do pensamento moderno, é, na realidade, uma degradação, já que nega a essencia humana. Repito o que disse na semana passada: um pensamento humanista, antropocentrico, é deshumano justamente por ser humanista e portanto negar uma dimensão suprahumana do homem. Nos pensadores que seguem Kierkegaard essa qualidade animalesca se torna tao clara quanto nos que seguem Schopenhauer. Enquanto para os Schopenhauerianos o homem vira tigre, para os kierkegaardianos ele vira, se autentico, cobaia dentro de um labirinto, e, se inautentico, vira ovelha. Este aspecto do problema será discutido certamente, quando falarmos de Heidegger e Jaspers. Deixo para a discussão que se seguirá descobrir os aspectos pragmaticos dentro de Kierkegaard, bem como a sua influencia sobre a arte, principalmente a literatura, do nosso tempo.

Nao quero encerrar este breve esboço de uma das figuras mais fascinantes da civilização recente, sem chamar a sua atenção sobre a aura de precursor que a circunda. Chamei Kierkegaard há pouco de Abrao em fraque. Poderia tê-lo chamado também de São Joao Batista de cartola. Apesar de todo pessimismo e de todo desespero que pervade o pensamento kierkegaardiano, há nele um como que raiar de uma nova manha, um esperar inarticulado, com respiração suspensa, de uma nova Boa nova. Nao sei se consegui transmitir para Voces essa sensação de "suspense" religioso que tomou conta de mim quando li Kierkegaard, e confesso que é difícil transmiti-la, já que Kierkegaard nao a articula. Há nele uma grande humildade e uma economia de expressao típica de precursores. Nao sei se alguem virá depois dele, ou se talvez já veio, sem ser reconhecido, mas sei, que essa vinda me parece um pouco mais plausível depois de ter lido esse "zelador de igrejas".